

CONCEPÇÕES DE FAMILIARES E AGENTES ESCOLARES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

Correspondência: Jéssica
Andrade de Albuquerque,
jessica.a.psi@gmail.com

Fomento: Conselho
Nacional de
Desenvolvimento
Científico e
Tecnológico (CNPq)

Como citar:

Albuquerque, J. A.,
Braz-Aquino, F. S.
(2023). Concepções de
familiares e agentes
escolares sobre a
relação família-escola.
*Arquivos Brasileiros
de Psicologia*, 75,
e006.

<https://doi.org/10.36482/arp.v75i1.15325>



Jéssica Andrade de Albuquerque¹ (Orcid: 0000-0002-6833-3982 |
<http://lattes.cnpq.br/3646266045673358>)

Fabíola de Sousa Braz Aquino² (Orcid: 0000-0002-8854-8577: |
<http://lattes.cnpq.br/8059477511210341>)

¹ Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

² Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

RESUMO

O presente estudo objetivou investigar as concepções de familiares, professores e gestores escolares sobre a relação família-escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujos participantes foram sessenta pais/responsáveis, trinta professores e seis gestoras de seis escolas públicas de Ensino Fundamental I. Para conhecer as concepções dos participantes acerca da relação família-escola foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada destinado aos professores e gestores, e um questionário direcionado aos pais. As entrevistas foram realizadas individualmente e registradas por meio de áudio. Os resultados revelaram contradições e pouca clareza dos grupos pesquisados no que se refere aos seus distintos e inter-relacionados papéis e às formas de participação de ambos nas vivências dos escolares. Aponta-se no estudo a relevância da atuação do psicólogo escolar como um dos profissionais que podem mediar essa relação e promover articulações entre a escola e família.

PALAVRAS-CHAVE:

Família; Escola; Psicologia Escolar.

CONCEPTIONS OF FAMILY MEMBERS AND SCHOOL AGENTS ABOUT FAMILY-SCHOOL RELATIONSHIP.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the conceptions of parents and relatives, teachers and school managers about family-school relationship. This is a qualitative research, whose participants were sixty parents/guardians, thirty teachers and six managers from six public elementary schools. To know the conceptions of the participants about family-school relationship was used a semi-structured interview script for teachers and managers, and a questionnaire directed to the parents. The interviews were conducted individually and recorded through audio. The results revealed contradictions and poor clarity of the groups regarding their different and interrelated roles and the forms of participation of both in the experiences of the students. It is pointed out the relevance of performance of the school psychologist as one of the professionals who can mediate this relationship and promote articulations between school and family.

KEYWORDS:

Family; School; School Psychology.

CONCEPCIONES DE FAMILIARES Y AGENTES ESCOLARES SOBRE LA RELACIÓN FAMILIA-ESCUELA

RESUMEN

El presente estudio objetivó investigar las concepciones de familiares, profesores y gestores escolares sobre la relación familia-escuela. Se trata de una investigación de campo cualitativa, cuyos participantes fueron sesenta padres / responsables, treinta profesores y seis gestoras de seis escuelas públicas de Enseñanza Fundamental I. Para conocer las concepciones de los participantes acerca de la relación familia-escuela se utilizó un guión de entrevista semiestructurada destinado a los profesores y gestores y un cuestionario dirigido a los padres. Las entrevistas fueron realizadas individualmente y registradas por medio de audio. Los resultados revelaron contradicciones y poca claridad de los grupos investigados en lo que se refiere a sus distintos e interrelacionados roles ya las formas de participación de ambos en las vivencias de los escolares. Se apunta en el estudio la relevancia de la actuación del psicólogo escolar como uno de los profesionales que puede mediar esa relación y promover articulaciones entre las instancias escuela y familia.

PALABRAS CLAVE:

Familia; Escuela; Psicología Escolar.

Informações do Artigo:
Recebido em: 10/03/2018
Aceito em: 10/09/2019

Concepções de familiares e agentes escolares sobre a relação família-escola

O presente estudo é parte de uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado no âmbito da Psicologia Escolar Educacional e tem como objetivo investigar as concepções de familiares, professores e gestores escolares do Ensino Fundamental I sobre a relação entre escola e família.

O interesse em pesquisar a referida temática foi impulsionado pela recorrência de queixas advindas de agentes escolares no tocante às dificuldades de sua relação com as famílias dos estudantes. Essas queixas foram repetidamente narradas por profissionais da educação durante a realização de estágio supervisionado curricular em Psicologia Escolar em instituições de ensino públicas (Braz-Aquino & Albuquerque, 2016; Silva et al., 2015). Além disso, uma pesquisa realizada por Cavalcante (2015) com 55 psicólogos escolares do município de João Pessoa-PB indicou que o trabalho junto à relação família-escola foi mencionado por esses profissionais como uma das principais dificuldades em sua atuação.

A partir de um resgate histórico sobre o estudo da relação família-escola, Ribeiro (2004) aponta que em torno da década de 1960, passou a ser compartilhada a ideia de que as famílias seriam responsáveis pelos insucessos educacionais dos filhos, e de que existem modelos familiares superiores a outros. Apenas em meados dos anos 1980 e 1990, houve um redirecionamento no âmbito dos estudos que abordavam a temática, que propôs abandonar tais concepções e enfatizar as práticas pedagógicas que podem ser desenvolvidas dentro da escola e da família. Contudo, apesar de essa nova perspectiva estar presente em pesquisas recentes (Freitas, 2016; Lima & Chapadeiro, 2015; Marcondes & Sigolo, 2012; Moreira & Guzzo, 2014; Silva Neto et al., 2014), ainda se observa em contextos de escolas públicas percepções estereotipadas sobre as famílias dos estudantes.

Ribeiro (2004) levantou um ponto relevante a ser discutido acerca da relação família-escola e o processo de escolarização de crianças quando estudou a influência da mobilização familiar para o sucesso escolar. A autora concluiu em seu estudo que o engajamento familiar no processo de escolarização não é determinante para um bom desempenho escolar. Também discutindo sobre a relação entre escola e família, Freitas (2016) destacou que a ausência da família nos espaços escolares e a falta de contato com os familiares dos alunos têm justificado explicações sobre os entraves na escolarização das crianças, desconsiderando a relação com o professor, com a escola, seus métodos e estratégias pedagógicas bem como de avaliação, gerando assim conclusões equivocadas.

É importante assinalar que outras vertentes teóricas investigam a tensão presente na abordagem da temática família-escola, a exemplo da Sociologia da Educação, que argumenta que as aprendizagens produzidas no contexto familiar podem ser fundamentais para a trajetória escolar. Nesse campo científico a relação entre as instituições escola e família é considerada um sistema de interdependências e de influências recíprocas (Silva, 2010).

Defende-se no presente estudo a importância da parceria entre família e escola no percurso de escolarização de estudantes por considerar que ambos os contextos compartilham a tarefa de auxiliar crianças e adolescentes para a inserção na sociedade, entendendo que há elementos fundamentais do processo educativo e suas funções específicas na vida dos sujeitos. Pontua-se que a relação estabelecida entre a escola e a família é de grande relevância para o processo educativo, uma vez que, por meio da parceria entre essas duas instâncias, a educação torna-se uma atividade conjunta e compartilhada, estabelecendo-se dessa maneira como um processo favorável ao desenvolvimento integral dos estudantes. Compreende-se então que as

instituições escola e família são âmbitos distintos, porém, complementares e fundamentais à constituição dos sujeitos (Guzzo et al. 2018).

Salienta-se neste trabalho a relevância da atuação do psicólogo escolar como um dos profissionais que podem mediar a relação família-escola e favorecer processos de ressignificações de concepções e práticas, uma vez que mediar relações interpessoais no ambiente escolar e potencializar os processos de ensino e aprendizagem configuram-se como especificidades de sua atuação (Marinho-Araújo & Almeida, 2005).

Acrescenta-se ainda que a atuação do psicólogo escolar no contexto da relação família-escola pode contribuir para que todos os agentes educacionais, inclusive as famílias, conheçam, acompanhem e participem do processo educativo dos estudantes. Especificamente a atuação junto às famílias objetiva a construção de parcerias que propiciem uma compreensão do desenvolvimento integral dos estudantes, conhecendo tanto o contexto familiar, a partir do entendimento das rotinas e das necessidades mais urgentes, bem como do contexto escolar, a partir do conhecimento do processo ensino-aprendizagem. Tais ações possibilitam a constituição de espaços de discussão e permitem uma articulação que envolve família e escola no processo de desenvolvimento dos estudantes, oportunizando a construção de projetos e/ou outras iniciativas com vistas a promover saltos qualitativos na educação (Guzzo et al. 2018).

Outra possibilidade de intervenção do psicólogo escolar se direciona às concepções que culpabilizam as famílias pelo insucesso escolar. É função desse profissional, juntamente com a equipe educacional, promover mediações que ressignifiquem essas concepções e mobilizem práticas institucionais que incluam de forma efetiva a família na vida escolar das crianças, demarcando inclusive suas responsabilidades e papéis.

Considerando os pressupostos mencionados, pretende-se neste estudo conhecer como os agentes escolares (pais/responsáveis, professores e gestores) percebem a relação família-escola e seus papéis no processo de escolarização dos estudantes, bem como identificar as ações implementadas pelas escolas para envolver as famílias dos estudantes.

Ressalta-se a importância em estudar concepções de agentes escolares, uma vez que, segundo Santos et al. (2015), as concepções se originam das crenças sociais e ideias adquiridas pelos adultos por meio de suas experiências socioculturais e englobam fatores cognitivos e emocionais dos indivíduos. Dessa maneira, investigar as concepções dos agentes escolares sobre a relação família-escola possibilita a compreensão das práticas educativas que têm sido empreendidas nas instituições escolares direcionadas à socialização e desenvolvimento da criança no meio escolar e familiar. A partir da presente pesquisa pretende-se apresentar um panorama sobre as principais características da relação família-escola e discutir possibilidades de ações favorecedoras para seu estreitamento, considerando o contexto em que o estudo foi realizado, qual seja, escolas públicas de um município do Estado da Paraíba, cujos participantes são provenientes de bairros periféricos da cidade.

Método

Esse estudo corresponde a uma pesquisa de campo de delineamento qualitativo, cujos participantes foram sessenta pais/responsáveis, trinta professores e seis gestores escolares de seis escolas públicas de um município do Estado da Paraíba. Os critérios para participação na pesquisa foram que os participantes deveriam ser pais/responsáveis de alunos de Ensino Fundamental I e que seus filhos estudassem há no mínimo um ano na instituição de ensino; ser professores ou gestores escolares de escolas públicas municipais.

Para conhecer as concepções dos participantes acerca da relação família-escola foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, destinado respectivamente aos professores e gestores das seis escolas públicas, localizadas em seis diferentes polos regionais do município. O roteiro de entrevista continha sete perguntas que buscaram explorar as concepções dos participantes acerca da relação família-escola.

Já para investigar os dados sociodemográficos dos estudantes e seus familiares, bem como as concepções desses familiares acerca da escola e de sua relação com ela, foi utilizado um questionário direcionado aos pais/responsáveis dos estudantes, o qual investigou questões objetivas e subjetivas sobre a relação família-escola. O questionário foi construído inspirado em trabalhos desenvolvidos na área da Psicologia Escolar (Guzzo, 2007; Oliveira, 2010; Reis, 2010) sem, contudo, utilizar questões desses estudos na presente pesquisa. As questões subjetivas dos instrumentos visavam um levantamento de informações propositivas com vistas a identificar, pelo relato dos pais/responsáveis, elementos favorecedores da relação entre família e escola.

É relevante assinalar que o roteiro de entrevista utilizado na pesquisa, bem como o questionário foram norteadores para a construção dos eixos temáticos de discussões das informações recolhidas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (CEP/CCS/UFPB).

Para selecionar as instituições de ensino que participaram do estudo, realizou-se um sorteio de seis escolas municipais, sendo cada escola oriunda de um polo regional educativo distinto. A participação na pesquisa esteve condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas e aplicação de questionários ocorreram em locais reservados das instituições, onde estavam presentes apenas a pesquisadora e o participante. As entrevistas

foram registradas por meio de um gravador de voz e transcritas literalmente para posterior análise.

As informações obtidas nas entrevistas e questionários foram analisadas inspiradas nas diretrizes propostas por Bardin (2008). Destaca-se que no processo de análise das falas considerou-se o número de menções dos participantes, sendo os elementos mencionados não excludentes. O processo de análise do material recolhido foi organizado em cinco eixos, quais sejam: 1) Descrição da relação família-escola na percepção de gestores escolares, professores e pais/responsáveis de estudantes do Ensino Fundamental I; 2) Papel da escola e da família no processo de escolarização dos estudantes na perspectiva de equipes escolares e de pais/responsáveis; 3) Situações que podem promover a participação da família na escola; 4) Ações que os professores podem desenvolver para promover articulações entre família e escola; 5) Profissionais da escola que podem trabalhar para favorecer a relação família-escola. É importante mencionar que tais eixos se referem às informações extraídas do roteiro de entrevista e das questões que compõem o questionário que foi aplicado aos pais/responsáveis.

Resultados e Discussão

No que se refere ao perfil sociodemográfico dos profissionais das escolas, os gestores possuíam média de idade de 48 anos e os professores 40 anos. Houve predominância de participantes do sexo feminino, sendo todo o grupo de gestores composto por mulheres e o grupo de professores composto por 26 mulheres e 4 homens.

Em relação à formação acadêmica, os profissionais advêm predominantemente de instituições públicas de ensino superior. Menciona-se que as gestoras eram graduadas nas áreas de Pedagogia (n=2), Licenciatura em Artes (n=2), Psicologia (n=1) e Educação Física (n=1). A formação desses profissionais ocorreu entre os anos de 1984 a 2004. As gestoras também

possuíam especialização e o ano de conclusão variou entre 2000 a 2010. Dentre as gestoras entrevistadas, duas trabalhavam em outras instituições exercendo a função de professoras. O tempo de atuação como gestoras nas escolas em que desempenhavam a função variou entre 1 a 22 anos.

Em relação aos professores, o ano de conclusão da graduação variou entre 1982 a 2016. Dos 30 professores entrevistados, 22 possuíam pós-graduação, cujo período de conclusão variou entre 1990 a 2016, e 12 exerciam a função em outras instituições. O tempo de atuação nas escolas variou entre 5 meses a 33 anos, e a maioria possuía mais de cinco anos de experiência docente.

No que se refere aos pais/responsáveis participantes do estudo, são apresentados na figura 1 seus dados sociodemográficos (inserir figura 1). Salienta-se que a categoria “estrutura familiar”, presente na figura, se refere às indicações das modalidades de família, as quais correspondem às seguintes definições: família nuclear, composta por um casal e seus filhos; família intergeracional, formada por pessoas de diferentes gerações (avós, netos, bisnetos); família monoparental, quando apenas um dos pais de uma criança assume as responsabilidades de criar o filho ou os filhos; família recombinação, família em que existe uma nova união conjugal, com ou sem descendentes de relações anteriores, de um ou dos dois cônjuges; e família extensa, aquela formada para além do parentesco pais e filhos, em que coabitam parentes próximos com os quais a criança convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade. É possível observar na figura 1 que a maioria dos participantes possuíam famílias nucleares e intergeracionais.

Descreve-se a seguir os resultados e discussões empreendidas a partir dos eixos de análise.

Eixo1: Descrição da relação família-escola na percepção de gestores escolares, professores e pais/responsáveis de Estudantes do Ensino Fundamental I

Para conhecer como os participantes do estudo descrevem a relação família-escola, foi perguntado: “Como você descreve a relação família-escola em sua instituição?”. Ao responderem à pergunta, os gestores mencionaram: “relacionamento bom, mas não consegue garantir a participação dos pais dentro da escola”, “não ideal”, “não excelente”. Os professores citaram: “a relação é boa” (n=7), “a escola tem facilidade de entrar em contato com os pais” (n=2), “os pais são presentes” (n=2), “a relação é participativa” (n=2) “difícil” (n=3), “poderia ser mais cultivada” (n=2), “não é tão presente” (n=2), “os pais são distantes” (n=2), “conturbada” (n=2), “deficitária” (n=2), “ausente” (n=2), “defasada” (n=1), “tumulada” (n=1). Já os pais/responsáveis indicaram: “boa” (n= 38), “muito boa” (n=5), “ótima” (n=4), “gosto daqui” (n=2), “uma maravilha” (n=1).

Como é possível visualizar, no que se refere ao grupo de gestoras, os relatos indicaram existir articulações na relação entre família e escola, porém descreveram a referida relação como “não ideal” e “não excelente”. Segundo elas, embora o relacionamento com as famílias dos estudantes seja bom, ainda não se consegue garantir um envolvimento efetivo dos pais na escola.

Quando perguntados sobre a relação família-escola em sua instituição, os professores mencionaram em maior frequência os elementos negativos dessa relação. Além disso, destaca-se que as falas dos docentes apresentaram informações que merecem atenção no contexto escolar, a exemplo das dificuldades em realizar reuniões com os pais/responsáveis; a ideia de que apenas os pais cujos filhos apresentam dificuldades no processo de escolarização devem comparecer à escola (discurso muito frequente nas entrevistas nos grupos de gestores e professores); a atribuição de características negativas aos pais e responsabilização destes pelos entraves na educação dos filhos e a menção de que embora existam articulações na relação família-escola, não existe uma participação efetiva dos pais na escolarização das crianças.

No que se refere aos pais/responsáveis que compuseram a amostra da pesquisa, quando perguntados sobre a relação família-escola na instituição em que seus filhos estudavam, estes verbalizaram majoritariamente que as interações com as equipes escolares eram positivas. Além disso, houve menções de que a relação com a escola é recente ($n=1$), de que não têm muito contato com as instituições ($n=4$), outros verbalizaram que não tinham o que se queixar da escola ($n=4$) e ainda outros explicitaram situações de conflitos já vivenciadas na escola ($n=2$).

É importante mencionar que embora as respostas fornecidas pelos pais tenham indicado em sua maioria percepções positivas sobre a relação com as escolas, houve verbalizações que justificaram a boa relação a partir da ausência de queixas providas da escola direcionadas aos seus filhos, conforme se observa na fala a seguir: “. . . é uma maravilha a relação porque até hoje eu nunca recebi nenhuma reclamação da escola” (Responsável 1).

De maneira geral as respostas quanto à relação família-escola nas instituições apresentaram concepções contrárias entre o grupo composto pelas equipes escolares (gestores e professores) e o grupo de pais/responsáveis. O grupo de profissionais das escolas apontou com maior frequência de respostas as dificuldades de estabelecer uma relação de parceria e participação efetiva com as famílias no processo de escolarização das crianças, enquanto que o grupo de pais/responsáveis indicou mais fortemente as qualidades das escolas e o fácil acesso que possuem nas interações com as equipes escolares.

Salienta-se que as informações fornecidas pelos agentes escolares (gestores e professores), bem como pelos familiares dos estudantes expõem incongruências sobretudo nas menções de que há um bom relacionamento entre família-escola, embora o tipo de participação seja frágil.

A forma como a participação foi mencionada pelos grupos levou a reflexões acerca do que os mesmos estavam compreendendo sobre esse termo. Foram recorrentes as alusões de que a participação estava atrelada à frequência de comparecimento no ambiente educativo. No entanto, é importante alertar que o conceito de participação é mais amplo e envolve, segundo Oliveira (2010), o compartilhamento de poder e o envolvimento de todos os atores no processo de tomada de decisão, configurando-se como um instrumento de co-responsabilização. De acordo com a referida autora, no contexto educativo o conceito de participação se associa a várias denominações, a exemplo de colaboração ou envolvimento, não sendo compreendido por todos os atores da mesma forma, o que faz com que a “participação” seja entendida de forma multifacetada.

Ressalta-se que durante a pesquisa, nas conversas informais, o conceito de participação pôde ser aprofundado de modo a esclarecer o que os grupos compreendiam sobre o termo. Considerando o dado de pesquisa a respeito da participação, indica-se que os atores se referem à participação em um sentido relacionado à frequência, quando se trata na realidade, da ocupação de um espaço político.

Diante do exposto, destaca-se a relevância de compreender que a participação no contexto educativo possui como premissa fundamental a oferta do poder de tomada de decisões sobre as políticas educacionais por parte dos sujeitos sociais comprometidos com uma educação pública e emancipatória (Freire, 2011). Compreende-se, portanto, que a participação é um dispositivo de controle de decisão que deve ser compartilhado entre todos os atores envolvidos na educação e afirma-se que quando a família se ausenta de uma participação ativa nos processos escolares de seus filhos, ou quando não entende o que é de fato participar, fica excluída das decisões, bem como da construção de propostas, projetos, planejamentos e deliberações que implicam

diretamente na escolarização dos filhos. Torna-se, dessa forma, passiva e alheia às escolhas dos demais atores escolares, sujeita a decisões que podem não ser as melhores para todos.

Eixo 2: Papel da escola e da família no processo de escolarização dos estudantes na perspectiva de equipes escolares e de pais/responsáveis

A investigação a essa questão partiu da seguinte pergunta: “Qual o papel da escola e da família no processo de escolarização dos estudantes?”. A partir das análises das falas, verificou-se que os gestores entendem como funções da escola: “formação, preparação pra vida, formação do conhecimento específico de cada disciplina” (n=1), “trazer o aluno pra realidade do mundo educativo” (n=1), “escolarização” (n=1), “ensinar” (n=1), “ser um complemento da aprendizagem” (n=1) e “preparar pra sociedade” (n=1).

Já no que se refere à função da família, as respostas variaram: “educar o aluno quanto a valores” (n=3), “acompanhamento da vida escolar” (n=2); “participar da vida escolar” (n=1), “educar bons modos, respeito e ética” (n=1), “educar” (n=1), “orientá-los, colocá-los na escola, cobrar da escola um ensino de qualidade” (n=1). Os gestores ainda mencionaram que existe uma incompreensão acerca do papel da família e da escola.

O grupo de professores ao ser perguntado sobre quais seriam os papéis da família e da escola, referiu que o papel da família inclui: “educar (n=8), “acompanhar a educação das crianças” (n=4), “dar suporte à educação dos filhos” (n=4), “ensinar as regras da sociedade” (n=2), “ajudar no aprendizado” (n=2), “dar educação” (n=2). No que se refere ao papel da escola, foram mencionados: “ensinar” (n=4), “proporcionar a educação dos conhecimentos escolares” (n=3), “escolarização” (n=2), “formar para a cidadania” (n=2), “instrução básica” (n=2), “preparar o aluno academicamente pra vida” (n=2) “dar continuidade à educação familiar” (n=1),

“transmitir conhecimentos” (n=1), “socialização dos conteúdos” (n=1), “levar o aluno a aprender” (n=1), “sistematizar o conhecimento” (n=1).

Em relação ao grupo de pais/responsáveis, dos 60 entrevistados, 34 indicaram que não há diferença entre os papéis da família e da escola, sendo ambos responsáveis pela educação global da criança. Já os 26 pais/responsáveis que indicaram existir funções específicas da família e da escola, sinalizaram, de maneira geral, como funções da família a educação e como função da escola o ensino de conteúdos formais.

É possível observar, no que diz respeito às concepções sobre os papéis da família e da escola, que existe uma divergência entre as concepções dos profissionais que compõem as equipes escolares (gestores e professores) e os familiares participantes do estudo. Os primeiros concebem como papel da família a educação de valores éticos e o incentivo à escolarização, e como papel da escola o ensino dos conteúdos sistematicamente organizados. Já a maior parte dos pais/responsáveis pelas crianças (n=34), consideram não existir delimitações quanto às funções da família e da escola, concebendo que os dois ambientes têm o papel comum de educar a criança, tanto no que se refere a questões éticas, como de conteúdos escolares.

Nessa conjuntura, observa-se que há uma incongruência acerca da compreensão das responsabilidades educativas dos referidos contextos de desenvolvimento, o que gera implicações diretas no processo de escolarização (Davis & Lambie, 2005). Adota-se no presente estudo, a concepção de que escola e família possuem objetivos e funções distintas, porém complementares, na educação. Essa pesquisa alinha-se às postulações de Dessen e Polonia (2007), que mencionam como função central da escola a preocupação com o processo de ensino-aprendizagem e a da família os processos de socialização, proteção, as condições básicas de sobrevivência, bem como o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

A partir de uma leitura histórico-cultural (Vygotsky, 1984) a escola, enquanto ambiente de educação organizado, tem como função principal mediar os conceitos científicos proporcionando à criança um conhecimento sistemático, e a família tem como papel fundamental mediar os conhecimentos adquiridos da experiência pessoal e cotidiana, os chamados conceitos espontâneos. Para esse autor, ambos os conceitos são importantes no processo de aprendizagem da criança e a escola deve tomar como referência os conceitos cotidianos para, de forma interdependente, apreender os conceitos científicos.

Eixo 3: Situações que podem promover a participação da família na escola

A abordagem a esse eixo da pesquisa foi realizada a partir da seguinte pergunta: “Em sua opinião, que situações podem promover a participação da família na escola?”. Essa indagação foi direcionada ao grupo de gestores e professores.

O grupo de docentes emitiu as seguintes respostas sobre as situações que podem favorecer a participação da família na escola: “projetos” (n=11), “reuniões” (n=11), “eventos comemorativos” (n=9), “palestras” (n=4), “exposição de atividades feitas pelas crianças” (n=1), “sorteios” (n=1), “Dia da Família na escola” (n=1) e “conversas informais cotidianas” (n=1). Para discutir como fortalecer a relação entre família e escola se tomará como base as respostas fornecidas pelos pais/responsáveis participantes do estudo. O questionário respondido por eles englobou questões acerca dos elementos que segundo suas concepções facilitariam sua participação na escola. Acredita-se, conforme Guzzo et al. (2016), que a partir das informações advindas dos próprios sujeitos que compõem a escola é possível planejar e executar ações que fortaleçam as relações que se engendram no ambiente escolar.

Os elementos apontados pelos pais/responsáveis como facilitadores de sua maior participação na escola de seus filhos englobaram a realização de palestras com temas para

auxiliar na educação do filho na escola (n=47); a realização de reuniões em horário acessível (n=44); a realização de reuniões individuais (n=39); a participação da resolução de situações como indisciplina e violência (n=33); a realização de reuniões comunicadas com antecedência (n=23); a participação na organização de atividades recreativas e/ou culturais da escola (n=23); o convite para participar da construção de projetos (n=20) e a participação em reuniões construídas e organizadas com a ajuda da família (n=13).

Como é possível verificar, as respostas das equipes escolares não englobaram os elementos citados pelo grupo de pais/responsáveis. Tal constatação ratifica as colocações de Freitas (2016) que afirma existir uma ausência de conhecimento por parte das instituições educativas sobre a população a que atende. Para a autora, as equipes escolares geralmente representam a população de pais e familiares a partir do imaginário, concebendo-a de maneira estigmatizada.

Outras informações foram levantadas no questionário direcionado aos pais/responsáveis sobre os elementos facilitadores de sua participação na escola. Esses participantes indicaram que elementos tais como a consulta sobre o melhor horário para participar das reuniões escolares; a discussão sobre temas de interesse a serem tratados nas reuniões; e a melhor organização do tempo nos encontros entre família e escola facilitariam sua participação na vida escolar das crianças e adolescentes pelos quais são responsáveis. Defende-se que essas informações podem ser utilizadas por profissionais da equipe técnica das escolas, como supervisores e psicólogos escolares, para planejar estratégias de aproximação com as famílias.

Dos responsáveis entrevistados, um pai fez críticas à organização da reunião escolar, mencionando superficialidade nos encontros entre família-escola e sugerindo melhorias para o ambiente educativo, a exemplo do arranjo das reuniões, que podem ser realizadas por segmentos

de turmas, facilitando um contato direto com o professor de seu filho, a importância de elaboração de uma pauta de assuntos coerentes e relevantes para o processo de ensino-aprendizagem, e a necessidade de investigação por parte da escola acerca de elementos sobre a criança, como as possíveis alergias ou outras informações que devem ser levantadas pela escola. Ressalta-se que os elementos citados podem subsidiar as ações dos profissionais das escolas no sentido de gerar melhorias na relação família-escola. Especificamente o psicólogo escolar poderá, a partir de um olhar propositivo e da compreensão dos entraves existentes nessa relação, planejar estratégias direcionadas às fragilidades apontadas.

Eixo 4: Ações que os professores podem desenvolver para promover articulações entre família e escola

Esse eixo da pesquisa foi direcionado especificamente ao grupo de gestores e professores e foi elaborado a partir da seguinte pergunta: “Em sua opinião, o professor pode desenvolver ações no que se refere à relação família-escola? Se sim, quais?”

O grupo de gestores mencionou como ações: “convocar reuniões específicas de suas turmas” (n=3), “trabalhar a relação família-escola a partir dos conteúdos escolares de forma interdisciplinar” (n=1), “convidar os pais dos alunos para conversar” (n=1), “aproximar o pai da escola” (n=1) e “favorecer a aproximação família-escola” (n=1).

Ainda sobre as ações que podem ser desenvolvidas pelos professores para favorecer a relação família-escola, do total de 30 professores entrevistados, 28 mencionaram as seguintes possibilidades de atuação na interface da relação família-escola: “convidar os pais a participarem dos eventos escolares” (n=7), “desenvolver projetos com a turma” (n=5), “promover interação com os pais a partir das tarefas de casa” (n=5), “promover reuniões específicas com suas turmas” (n=4), “organização de oficinas para os pais” (n=2), “se aproximar dos pais por meio de diálogos

não formais” (n=2), “desenvolver apresentações com as crianças para convidar os pais a assistirem e organizar palestras” (n=1). Ressalta-se que apesar de indicar tais possibilidades de atuação, esses professores relataram dificuldades como a baixa frequência dos pais em reuniões e ausência de auxílio aos estudantes nas tarefas de casa. Mencionaram, ainda, que embora exista empenho por parte das equipes escolares, os pais não se envolvem de maneira esperada e satisfatória na vida escolar dos filhos.

Vale referir que dos trinta docentes, apenas dois consideraram que não devem atuar buscando estreitar a relação entre escola e família e justificaram que professor já possui muitas atribuições e o contato com os pais não faria parte de suas ações na escola.

Para além de tais relatos, verificou-se nessa pesquisa verbalizações que denotam a responsabilização das famílias pela ausência de êxitos na escolarização dos estudantes, tal como segue: “. . . eu digo que toda dificuldade do aluno, todo o histórico do aluno positivo ou negativo eu associo à família” (Docente 23). Essa verbalização remete a pesquisas no campo da Psicologia Escolar (Cavalcante, 2015; Dazzani et al. 2014; Freitas, 2016; Marinho-Araújo, 2010; Oliveira, 2010; Oliveira & Reis, 2010), as quais revelaram que muitas vezes a escola responsabiliza as famílias pela ausência de êxitos em suas práticas pedagógicas. Percebe-se na fala acima a atribuição de culpabilização às famílias pelos entraves na educação dos filhos. Esse tipo de discurso ratifica as informações recolhidas pelo estudo de Dazzani et al. (2014) que constatou uma tendência a responsabilizar a família pelos insucessos no âmbito da escolarização dos estudantes.

Outro tipo de resposta dado por uma das gestoras entrevistadas demarcou um contraponto a verbalizações dos entrevistados que atribuíam à família a responsabilidade das crianças

passarem por dificuldades na escolarização. A referida resposta está explicitada no trecho a seguir:

É muito fácil dizer: “Ah! essa responsabilidade é dos pais e eles estão ausentes”, mas, dentro dessa responsabilidade, o que é que a escola pode fazer? . . . o que é que a escola pode fazer pra resgatar, pra ajudar aqui dentro da própria escola, com as ações da escola mesmo, já que aquele aluno não tem apoio, não tem ajuda da família. Então, o que a escola pode fazer pra suprir isso? Esse é o nosso entendimento e não apenas de julgar e de condenar os pais. . . (Gestora 5).

Essa verbalização é contrária aos discursos frequentes de culpabilização das famílias pelos entraves na educação dos filhos e sinaliza a relevância de buscar conhecer as razões das ausências dos pais na escolarização dos filhos para poder elaborar estratégias de aproximação desses pais e/ou responsáveis à escola.

Eixo 5: Profissionais da escola que podem trabalhar para favorecer a relação família-escola

O presente eixo foi organizado a partir da pergunta: “Em sua opinião, que profissionais da escola podem trabalhar para favorecer a relação família-escola?”. Esse questionamento foi direcionado ao grupo de gestores e professores. Os gestores entrevistados citaram os seguintes profissionais: todos (n=5), psicólogo (n=3), assistente social (n=3), vigilantes (n=3), equipe técnica (n=2), orientadora educacional (n=2), merendeira (n=2) e supervisora”. Já o grupo de professores respondeu: todos (n=15), psicólogo (n=11), assistente social (n=5), professores (n=5), especialistas (n=5), orientador (n=4), supervisor (n=3), diretor (n=3), psicopedagogo (n=1), auxiliar de serviços (n=1) e porteiro (n=1).

A partir dos elementos apresentados nas respostas dos profissionais é possível observar a presença de uma concepção que valoriza o trabalho coletivo, uma vez que preponderou a menção

de que todos os profissionais das instituições podem contribuir na melhoria da relação família-escola. Essas concepções se alinham às pesquisas mais recentes que tem adotado uma perspectiva mais ampla no estudo das relações família-escola, considerando os diversos atores que compõem as escolas (Davis & Lambie, 2005; Dessen & Polonia, 2007; Oliveira & Marinho-Araújo, 2010; Realí & Tancredi, 2005). Por outro lado, considerar que todos os profissionais devem atuar para favorecer a relação entre família-escola pode demonstrar ausência de clareza sobre as especificidades de cada profissional no contexto escolar.

Outro aspecto verificado foi a indicação da equipe de especialistas, sobretudo do psicólogo, como profissional que deve, de maneira mais específica, voltar-se para a promoção da melhoria da relação escola-família, tal como se expressa na fala representativa a seguir: “. . . eu vejo o papel do psicólogo como muito importante, fundamental nessa relação. A equipe técnica como um todo, mas o psicólogo por trabalhar com relações humanas é fundamental” (Gestora 1).

As verbalizações do presente eixo parecem indicar que embora os profissionais da escola não possuam clareza quanto ao trabalho do psicólogo escolar, compreendem que sua atuação tem especificidades no âmbito da relação família-escola. Nesse sentido, salienta-se a relevância dos psicólogos escolares demarcarem suas funções no contexto educativo, haja vista que um dos grandes desafios desses profissionais é o de se fazer reconhecer pelas equipes escolares como agentes mediadores do processo educacional.

Considerações Finais

O presente estudo buscou conhecer as concepções de familiares e agentes escolares sobre a relação família-escola. No contexto local e em pesquisas citadas nesse estudo, a referida temática tem sido apontada por profissionais de escolas públicas como uma das queixas mais frequentes em suas atuações.

Os resultados dessa pesquisa possibilitaram verificar que as instituições responsabilizam as famílias pelos entraves na educação dos filhos e apontam dificuldades em estabelecer uma relação de parceria e participação efetiva com os familiares dos estudantes no processo de escolarização. Por outro lado, os familiares referem superficialidade nas informações compartilhadas nos encontros com as escolas e a necessidade de um contato mais próximo entre família e escola, embora mencionem o fácil acesso que possuem para interagir com as equipes escolares.

Além disso, verificou-se que família e escola conhecem suas responsabilidades específicas, entretanto, não reconhecem suas funções compartilhadas. Essa ausência de compreensão sobre o papel conjunto da escola e da família no desempenho dos estudantes interfere diretamente no modo como ambas estabelecem suas relações. Tais constatações permitem visualizar, conforme apontam Oliveira e Marinho-Araújo (2010), que o campo relacional entre família e escola é marcado por tensões e conflitos que repercutem no aprendizado de estudantes e na dinâmica institucional.

Ao investigar as concepções de familiares e agentes escolares sobre a relação família-escola, pela via do relato dos participantes, foi possível depreender como têm se constituído as práticas dos referidos agentes escolares. Além disso, a apreensão da forma como as comunidades escolares compreendem a relação família-escola possibilita a reflexão e o planejamento de ações que podem promover melhorias nas citadas dificuldades encontradas pelos agentes escolares e na ressignificação dialética de concepções e práticas no contexto educativo.

Considerando que o presente estudo pontua a relevância da atuação do psicólogo escolar no contexto da relação família-escola, indica-se aqui uma proposta de intervenção direcionada

aos psicólogos que atuam em contextos escolares voltados ao fortalecimento das relações entre escola e família, realizada a partir dessa pesquisa.

Sugere-se como intervenções do psicólogo escolar no âmbito da relação família-escola, a criação de parcerias com os diversos segmentos da escola para que atuem em coletividade; indica-se conhecer a disponibilidade de horários de comparecimento dos pais/responsáveis na escola, a fim de propor sugestões conjuntas para o planejamento das reuniões escolares; aponta-se para a relevância da desmistificação de concepções estereotipadas acerca das famílias dos estudantes e a importância de esclarecer sobre os distintos e inter-relacionados papéis da escola e da família. Assinala-se, também, a relevância da busca e utilização constante de materiais que auxiliem o psicólogo escolar na construção de sua prática.

Por fim, considera-se pertinente mencionar o valor interventivo das entrevistas realizadas, por terem possibilitado aos participantes desse estudo reflexões e proposições de alternativas aos impasses que permeiam a relação família-escola em suas tensões e dinâmicas cotidianas. Os resultados desse estudo podem fomentar programas de intervenção que contribuam para a reconfiguração das interações entre os profissionais de educação, famílias e estudantes, promovendo desenvolvimento e aprendizado da comunidade escolar.

É importante destacar ainda o limite da pesquisa aqui apresentada no que se refere à quantidade de escolas e à amostra, o que não permite generalizações ou esgotar as discussões sobre a temática abordada.

Referências

- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977)
- Braz-Aquino, F. S., Albuquerque, J. A. (2016). Contribuições da Teoria Histórico-cultural para a prática de estágio supervisionado em Psicologia Escolar. *Estudos de Psicologia*, 33(7), 225-235. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200005>
- Cavalcante, L. de A. (2015). *O psicólogo na rede pública de educação: concepções, formação e atuação profissional* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB.
- Davis, K. M. & Lambie, G. W. (2005). Family engagement: A Collaborative, systemic approach for middle school counselors. *Professional School Counseling*, 9(2), 144-151. <https://doi.org/10.1177/2156759X0500900202>
- Dazzani, M. V. M.; Cunha, E. O.; Luttigards, P. M.; Zucoloto, P. C. S. V. & Santos, G. L. (2014). Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18 (3), 421-428. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0183762>
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>
- Freire, P. (2014). *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra.
- Freitas, F. L. (2016). *A relação escola e família: análise de uma política em construção* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp.
- Guzzo, R. S. L. (2007). Escola amordaçada: compromisso do psicólogo com esse contexto. In A. M. Martínez (Org.), *Psicologia escolar e compromisso social* (4a ed., pp.17-29). Alínea.

- Guzzo, R. S. L.; Moreira, A. P. G. & Mezzalira, A. S. C. (2016). Desafios para o Cotidiano do Psicólogo dentro da Escola: a questão do método. In: M. V. Dazzani; V. L. T. Souza. (Orgs.), *Psicologia Escolar Crítica: teoria e prática nos contextos educacionais* (pp. 21-35). Alínea.
- Guzzo, R.S. L.; Mezzalira, A. S. C; Weber, M. A. L; Sant'Ana, I. M. & Silva, S. S. G. T. (2018). Psicologia escolar e família: importância da proximidade e do diálogo. In V.L. T. Souza, F. S. Braz Aquino, R. S. L. Guzzo & C. M Marinho-Araújo (Orgs.), *Psicologia escolar crítica: atuações emancipatórias nas escolas públicas* (pp.143-162). Alínea.
- Lima, T. B. H., & Chapadeiro, C. A. (2015). Encontros e (des)encontros no sistema família-escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 493-502. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193879>
- Marcondes, K. H. B. & Sigolo, S. R. R. L. (2012). Comunicação e Envolvimento: Possibilidades de Interconexões entre Família-escola? *Paidéia*, 22(51), 91-99. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100011>
- Marinho-Araújo, C. M., & Almeida, S. F. C. (2005). Psicologia Escolar: Recriando identidades, desenvolvendo competências. In A. M. Martínez (Org.), *Psicologia escolar e compromisso Social* (4a ed., pp. 243-259). Alínea.
- Moreira, A. P. G., & Guzzo, R. S. L. (2014). A psicologia que defendemos na escola que vivemos: uma contribuição dos bastidores do 'Voo da Águia'. In: R. S. L. Guzzo (Org.), *Psicologia Escolar: Desafios e bastidores da educação pública* (pp. 20-35). Alínea.
- Oliveira, C. B. E. & Marinho-Araújo, C. M. (2010). A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, 27(1), 99-108. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>

- Oliveira, M. C. G. L. (2010). *Relação família-escola e participação dos pais* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Trabalho, Porto].
- Realí, A. M. M. R. & Tancredi, R. M. S. P. (2005). A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. *Paidéia*, 15(31), 239-247.
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000200011>
- Reis, L.P. C. (2010). *A participação da família no contexto escolar* [Trabalho de Conclusão de Curso não-publicado]. Universidade do Estado da Bahia.
- Ribeiro, D. F. (2004). *Os bastidores da relação família – escola* [Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.
- Santos, E. R. F.; Ramos, D. D. & Salomão, N. M. R. (2015). Concepções sobre desenvolvimento infantil na perspectiva de educadoras em creches públicas e particulares. *Revista Portuguesa de Educação*, 28(2), 189-209.
- Silva, P. (2010). Análise sociológica da relação escola-família. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 20, 443-464.
- Silva Neto, W. M. F. S., Guzzo, R. S. L., & Moreira, A. P. G. (2014). Estagiários de psicologia na escola: o que os bastidores revelam para a formação profissional? In: R.S.L. Guzzo (Org.), *Psicologia Escolar: desafios e bastidores na educação pública* (pp.197-216). Alínea.
- Silva, S. S. G. T., Braz- Aquino, F. S., Albuquerque, J. A. & Rodrigues, L. F. (2015, Maio, 13-16). *Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar: relato de práticas* [Resumo]. 9º Congresso Norte e Nordeste de Psicologia, Salvador, BA, Brasil. (p. 662-663).
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente*. Martins Fontes.

Tabela 1

Dados sociodemográficos dos pais/responsáveis de crianças do Ensino Fundamental I de seis escolas públicas de João Pessoa-PB

Pais/Responsáveis				
Dados sociodemográficos	Responsáveis	(f)		
	Mãe	47		
	Avó	7		
	Pai	5		
	Madrasta	1		
	Média de Idade	33		
	Estrutura Familiar	(f)		
	Família Nuclear	31		
	Família intergeracional	15		
	Família monoparental	7		
	Família recombinação	6		
	Família extensa	1		
	Relação conjugal dos pais	(f)		
	Conviventes	26		
	Separados	17		
	Casados	14		
	Solteiros	2		
	Viúvos	1		
Nível de escolaridade		Mães	Pais	Avós
		(f)	(f)	(f)
	Ensino Fundamental I Incompleto	9	12	-
	Ensino Fundamental I completo	4	3	-
	Ensino Fundamental II incompleto	20	15	2
	Ensino Fundamental II completo	4	4	-
	Ensino Médio Incompleto	9	6	-
	Ensino Médio Completo	2	6	-
	Ensino Superior Incompleto	1	2	-
	Ensino Superior Completo	2	-	-
	Nunca estudou	-	-	1